

**DO TERRITÓRIO DE VIDA AO TERRITÓRIO DA
GEOGRAFIA CULTURAL: ENTREVISTA COM A
PROF.^a DR^a MARIA GERALDA DE ALMEIDA¹****FROM THE TERRITORY OF LIFE TO THE
TERRITORY OF CULTURAL GEOGRAPHY: INTERVIEW
WITH PROF. DR. MARIA GERALDA DE ALMEIDA****DEL TERRITORIO DE LA VIDA AL TERRITORIO DE
LA GEOGRAFÍA CULTURAL: ENTREVISTA A LA
PROFESORA MARIA GERALDA DE ALMEIDA**

José Wellington Carvalho Vilar - Eu dividi o roteiro da entrevista em dois momentos: “Territórios de Vida”, onde a gente abordará a vida da professora Geralda e sua formação acadêmica; e “Territórios da Geografia Cultural”, para tratar dos caminhos que a professora trilhou na Geografia Cultural. Esses seriam os dois grandes momentos da entrevista, mas vocês podem participar e abrir questões. Faço inicialmente uma pergunta mais genérica em relação a este primeiro momento, e gostaria de pedir para que a professora se apresentasse para todos nós, falando sobre alguns aspectos da trajetória escolar e acadêmica e das razões da escolha da geografia. Essa é a pergunta inicial, para que a senhora se apresente falando onde nasceu e sobre a trajetória escolar culminando no “porquê” da escolha da geografia. Uma curiosidade que eu tenho é saber por que os geógrafos escolhem a geografia.

Maria Geralda de Almeida - O meu nome é Maria Geralda de Almeida. Eu nasci em um povoado bem rural que se chama Fernão Dias, um Distrito do município de Brasília de Minas que fica no Vale do São Francisco, no norte de Minas. E os meus pais moravam em uma fazenda, com toda a família, meus avós, tios e todos tinham vínculos com a terra, com a fazenda, sobretudo ligada à criação de gado. Quando eu comecei a estudar, eu fui morar em Montes Claros. Estudar que eu digo já era alfabetização, porque não havia na fazenda condições para isso. Eu estudei em Montes Claros, que é considerada a capital da Sudene no norte de Minas, a cidade realmente mais importante economicamente daquela região. Eu fui estudar até o primeiro ano da universidade,

¹ Entrevista concedida pela prof^a Dr^a Maria Geralda de Almeida, em 2 de abril de 2018, por iniciativa do prof. Dr. José Wellington Carvalho Vilar para a revista GeoNordeste. Tal entrevista ocorreu nas instalações do Grupo de Pesquisa CNPq Sociedade e Cultura, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe – PPGEU/UFS. O professor Wellington Vilar, vinculado ao PPGEU/UFS e ao Instituto Federal de Sergipe – IFS, foi o responsável pela transcrição, inserção de notas e esclarecimentos para viabilizar a compreensão do texto e pelo convite aos discentes e docentes presentes no momento da entrevista. São eles: Maria Augusta Mundim Vargas - PPGEU/UFS; Lício Valério Lima Vieira - IFS; Luan Ramos de Lacerda, Cesar Augusto França e Daniele Luciano Santos - Mestrandos do PPGEU/UFS; Jorginaldo Calazans - Doutorando do PPGEU/UFS e professor do IFS; Maria Salomé Lopes Friedrich - Doutoranda do PPGEU/UFS; e Roseane Cristina Gomes – Prof.^a do Departamento de Geografia da UFS. Vale ressaltar que a professora Dr^a Maria Augusta Mundim Vargas fez a revisão final do texto.



estudei sempre em escola pública. Após o ensino fundamental eu realizei o ensino normal, porque naquele tempo no ensino médio se podia escolher entre o científico e o normal, e eu queria ser professora por isso escolhi o normal. Quando eu estava já terminando o 3º ano, resolvemos, eu e mais duas colegas, que iríamos fazer a faculdade lá em Montes Claros mesmo, na Faculdade do Norte de Minas.

Nós fomos visitar a universidade, a faculdade, para sabermos o que nós queríamos e nos interessamos muito, as três, quando vimos cartazes que anunciavam viagens de campo que a geografia ia fazer, então a geografia estava convidando quem queria viajar para o São Francisco, em Januário e em Pirapora, e, assim, ficamos muito motivadas por aquilo. Fomos conversar com alguns alunos para saber qual era o curso mais dinâmico e mais movimentado: ah, é a geografia! Com aquilo eu já somei o fato de fazer viagem com o de ser um curso dinâmico, ou seja, foi pelas viagens que eu escolhi o curso [risos]. Não tinha vocação nenhuma.

José Wellington Carvalho Vilar - Mas a senhora concluiu a graduação na UFMG?

Maria Geralda de Almeida - É. Eu estudei um ano em Montes Claros e veio um geógrafo da UFMG visitar a faculdade, porque eles estavam organizando um grande encontro da UGI, que é da geografia, como é que chama?

José Wellington Carvalho Vilar - União Geográfica Internacional.

Maria Geralda de Almeida - E o Norte de Minas tinha sido escolhido para realizar um trabalho de campo, porque era a região mais seca, era uma região de caatinga, uma região especial que necessitava de irrigação. E eles tinham alguns projetos da Sudene ao longo do Rio São Francisco. Conheci o geógrafo David Márcio² e depois que o conhecemos falamos que queríamos estudar em Belo Horizonte. E ele então nos convidou. No segundo ano nós já pedimos transferência. Era Licenciatura e depois você podia fazer uma complementação, desculpe, você podia fazer Licenciatura e Bacharelado juntos, a diferença é que quem quisesse fazer Bacharelado tinha que já ter uma monografia, um trabalho de pesquisa como se fosse uma iniciação científica. Eu escolhi fazer os dois, mas quando eu estava no terceiro ano surgiu no estado de Minas Gerais o que se falava em escolas polivalentes, que eram destinadas a acolher alunos para dar uma formação especial e os professores passavam por uma formação, uma formação do PREMEM (Programa de Reforma e Melhoria do Ensino Médio). Eu aceitei fazer, e fiz a seleção, passei para geografia, e

² Refere-se ao professor Dr. David Márcio Santos Rodrigues, falecido em 2009. Ele atuou como professor de geomorfologia no Instituto de Geociências da Universidade Federal de Sergipe - UFMG e, também, como Diretor do Instituto de Geociência Aplicadas – IGA, vinculado ao governo do Estado.



durante um ano, já no quarto ano, eu tive um curso intensivo de geografia para poder ter essa titulação, para ser professora de escola polivalente. Nesse período eu reduzi o número de disciplinas do curso normal de quatro anos e acabei me formando depois, porque eu tive que parar para fazer o curso intensivo. Todo esse período que fiz geografia foi trabalhando. Essa foi a minha trajetória até terminar o ensino da graduação. Acabei terminando com três títulos: Bacharel, Licenciada e esse do PREMEN, que era a Licenciatura Curta.

Fui trabalhar e fiz uma especialização em Aerofotogrametria Aplicada a Estudos Ambientais, oferecido pela UNESP de Rio Claro. Eu já estava no Acre e eram os professores de Rio Claro que iam até Rio Branco ministrar as disciplinas. Terminando a especialização, um ano depois eu pedi para fazer o Doutorado em Bordeaux, na França, que se chama Doctorat Troisième Cycle, que são três anos de Doutorado e um de Mestrado. Após o Mestrado, pedi para voltar ao Brasil e fazer o trabalho de campo. Eu fui para França com bolsa do governo francês concedida diretamente a pessoa que contactava com um professor e ele oficializava se recebia ou não. Quando terminei o trabalho de campo, voltei para França e concluí o Doctorat Troisième Cycle, defendi a Tese e quando retornei ao Brasil, comecei a trabalhar na Universidade Federal de Sergipe.

José Wellington Carvalho Vilar - Como a senhora parou aqui em Sergipe d'El Rey, nas terras do cacique Serigy?

Maria Geralda de Almeida - Quando eu estava no Acre nós fizemos um evento de geografia e o professor Alexandre Diniz foi convidado. Já era o momento que eu estava me preparando para ir à França e como a Universidade Federal do Acre não quis me liberar, preferi pedir demissão. Eu tinha bolsa e fui para França. O professor Alexandre sabia que eu não teria mais vínculo com o Acre, e me fez o convite para assim que voltasse poderia vir trabalhar como professora visitante em Sergipe.

José Wellington Carvalho Vilar - A senhora passou dois anos em Sergipe?

Maria Geralda de Almeida – Exatamente. De 1985 a 1987. Foi um período muito bom. Foi um período que eu considero importante, pois lecionei as disciplinas Geografia do Brasil III e Problemas de Geografia Física e participei dos momentos iniciais no então Núcleo de Pós-Graduação em Geografia - NPGeo.

José Wellington Carvalho Vilar - Como Sergipe marcou a trajetória da senhora?



Maria Geralda de Almeida - Aqui era uma realidade completamente diferente daquela que eu havia vivenciado no Acre e feito a minha tese. A minha tese foi sobre a colonização no Acre, em que procurei explicar a passagem de um Estado que era extrativista, vivia da borracha, e pouco a pouco foi incorporando outras atividades, como a pecuária com a vinda de muitos imigrantes de São Paulo e do Sul do Brasil. Eu discuti os conflitos que surgiram dessa nova atividade com o extrativismo da borracha, que era o principal produto. E, aqui em Sergipe, era a cana de açúcar que dominava. Os trabalhos que eu conhecia como o do professor Agamenon Magalhães eram sobre esse tema e sobre o uso do espaço agrário, estudado pelo professor Alexandre Diniz que falava muito sobre o gado.

José Wellington Carvalho Vilar - A pecuarização, a pastaginização e a bovinização!

Maria Geralda de Almeida - Eram os termos que marcavam o estudo do espaço agrário naquele momento. Era a tentativa de dar nome aos processos do espaço agrário que o professor Alexandre Diniz tanto insistia no seu entusiasmo com a geografia aplicada.

Quando eu digo que Sergipe me marcou é porque trabalhar com a Geografia Agrária na Amazônia brasileira e depois vir para Sergipe, no Nordeste, que já tinha estudos mais aprofundados, era bem difícil. Eu tinha que estudar muito. Comecei a me envolver nos projetos que já existiam. A professora Maria Augusta trabalhava com a questão ambiental e já estava envolvida com o Mestrado e depois eu conheci a Vânia Fonseca que tinha um interesse muito grande na Geografia Agrária. Elas me influenciaram bastante. Lembro de outros professores, como Emmanuel Franco, na Biogeografia, e Maria da Glória, na Geomorfologia, grandes estudiosos em Sergipe. A primeira pesquisa que fiz aqui foi trabalhando com os assentados nos Projetos de Irrigação no Agreste, com muitos entrevistados para entender o universo desses assentados. Depois desviei um pouco para estudar o rio São Francisco também. Eram pessoas que moravam, plantavam e cultivavam nas margens do rio São Francisco e foram deslocadas para o sertão semiárido e tinham que modificar o seu modo de vida para poder cultivar e explorar um tipo de solo com o qual eles não tinham experiência. Era um tema geográfico muito importante: o deslocamento de pessoas de um contexto ambiental que elas conheciam e dominavam e, repentinamente, iam para outro. Depois começamos a fazer o projeto no Vale do Baixo São Francisco entre Sergipe e Alagoas.

José Wellington Carvalho Vilar - Depois de trabalhar em Sergipe, a senhora fez concurso para professora efetiva na Universidade Federal do Ceará (UFC) e passou dez anos no Ceará. Embora seja Nordeste, é outra realidade, um outro Nordeste. Como foi essa experiência no Ceará?



Maria Geralda de Almeida - Lá na UFC eu já me voltei para o estudo do e no litoral. Nós fizemos um trabalho de quase quatro anos, visitando as comunidades pesqueiras. Era uma equipe interdisciplinar. Lá era um projeto de extensão que envolvia alunos de Medicina, Direito, Enfermagem, Geografia e Ciências Sociais. A preocupação nossa era fazer Educação Ambiental. Enquanto isso nós mapeávamos as alterações que ocorriam. O interesse maior era o turismo e as mudanças na vida das comunidades pesqueiras. Foi muito interessante porque lá na UFC não havia quem estudasse o litoral, tinha estudos urbanos, do interior, do espaço agrário, mas não do litoral.

José Wellington Carvalho Vilar - Sempre numa perspectiva interdisciplinar, com as ideias avançadas da professora Vânia Fonseca, não é? Pelo visto continuou nessa mesma linha na UFC?

Maria Geralda de Almeida - Exatamente. Nós continuamos nessa mesma perspectiva. Eu acredito que nunca deixei o meu lado de professora, sempre me envolvendo com projetos de pesquisa e extensão. Estava preocupada em como os alunos podiam aproveitar aquele instante da pesquisa para fazerem uma troca de conhecimento, como eles podiam contribuir com o que a universidade oferecia para os pescadores e suas famílias. Até hoje eu tenho mais facilidade para escrever e falar sobre aquilo que tenho conhecimento empírico, sobre o que vivenciei. Meu forte é o trabalho de campo, é o contato com as comunidades.

Maria Augusta Mundim Vargas - Ao ir para UFC, a professora Geralda não se desvincula de Sergipe. Permanece lecionando e orientando na Pós-graduação da Geografia e no PRODEMA, que hoje é em rede. Na passagem pela UFC, Geralda também trabalhou no PET, inclusive recebendo prêmios. Vamos falar do PET?

Maria Geralda de Almeida - Entre 1990-1991 saí para o Pós-doutorado na França, Itália e Canadá. E logo que voltei, um colega no Ceará, Eurípedes, professor do Departamento de História da UFC, me falou que tinha criado um PET com muitos bons resultados. Pensei: podemos criar um na Geografia também! Fizemos a proposta, foi aprovada e o Departamento fez indicação para que eu fosse a primeira tutora. Tutoria sem remuneração que trabalhava com alunos bolsistas e durante cinco anos fiquei na coordenação, com resultados muito expressivos na formação dos alunos. Eu tinha uma preocupação porque eram alunos do interior, sem muita vivência, sem experiência, e o PET dava uma oportunidade para isso: formação para a vida. Hoje muitos desses alunos são professores universitários.



José Wellington Carvalho Vilar - A UFC foi um ponto de inflexão na sua vida acadêmica, momento em que a Geografia Cultural se consolida na sua forma de fazer geografia?

Maria Geralda de Almeida - Quando eu pedi para fazer o Pós-doutorado foi exatamente nessa linha da Geografia Cultural. Fiquei com o professor Paul Claval, lá em Paris, e ele me indicou o professor Augustin Berque, um francês que tinha morado dez anos no Japão, falava japonês, conhecia muito bem o oriente, e toda a Geografia Cultural dele era baseada no pensamento oriental. E depois quando eu fui para o Canadá, em Quebec, eu encontrei o Rodolphe de Koninck, que era um geógrafo meio marxista, que fazia Geografia Cultural, com leitura mais crítica e política. Na Itália foi com Massimo Quaini, que escreveu o livro *Geografia e Marxismo*, traduzido para o português, e valorizava muito o trabalho de campo.

José Wellington Carvalho Vilar - Além desses geógrafos quem mais na França influenciou o seu pensamento nessa abordagem da Geografia Cultural?

Maria Geralda de Almeida - Além do Augustin Berque, teve o Jean-Robert Pitte³. Ele me influenciou bastante. Mas eu também frequentei muito os Seminários de Antropólogos na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Era um lugar com entrada praticamente livre e eu gostei muito de ouvir os antropólogos. Além disso, na França, as apresentações e exposições nos museus foram muito importantes para a minha base cultural, eu ia para saber sobre pintores e artistas. Isso lá na França tem muitas oportunidades. Atualmente, estou lendo Michel Lessault que escreve sobre o homem espacial⁴. Tem outro geógrafo que se chama Yves Raibaud que escreveu sobre a geografia sociocultural⁵. A preocupação dele é incorporar o termo socio junto com a palavra cultura. Ambos os livros não estão traduzidos para o português.

José Wellington Carvalho Vilar - Tenho outra questão ainda professora. A senhora falou dos geógrafos franceses ou francófonos que influenciaram a sua trajetória acadêmica. E dos geógrafos brasileiros quais influenciaram sua obra?

Maria Geralda de Almeida - Eu entendo que a Geografia Cultural se alimenta de várias correntes e de outras ciências. Eu gosto de ler os antropólogos e os sociólogos, e na geografia aprecio ler até

³ Geógrafo especializado em paisagem e gastronomia, autor de mais de vinte livros em francês, alguns dos quais traduzidos para a língua portuguesa: “O Desejo do Vinho: Conquistando o Mundo” e “Gastronomia Francesa - História e Geografia de uma Paixão”.

⁴ LESSAULT, M. *L'Homme Spatial. La construction Sociale de L'espace Humain*. Paris: Le Seuil, 2007.

⁵ RAIBAUD, Y. *Geographie Socioculturelle*, Paris: L'Harmattan, 2011.



aquelas pessoas que eu tenho discordância, até para conhecer melhor o pensamento delas. Eu tenho esse interesse. Agora a depender do que estiver produzindo e de qual curso estou preparando, aí sim, eu parto para uma leitura transversal e de ler várias pessoas. Eu li a obra de Milton Santos, mesmo não sendo um dos geógrafos que influenciou a Geografia Cultural. Do grupo do NEER⁶ eu leio Álvaro Heidrich, leio também Salete Kozel, o Ângelo Serpa da UFBA, o Jânio Castro, gosto da maneira como ele escreve. Leio muito os trabalhos aqui de vocês de Sergipe, da Maria Augusta, da Sônia Menezes e do Wellington Vilar. Lá no Rio Grande do Norte tem o Alessandro Dozena que eu gosto, e tem também aquele menino de óculos lá de Pernambuco, o Caio Maciel. Então esses são os geógrafos brasileiros com que eu procuro diálogos. Lá no Rio de Janeiro, tem o Paulo Cesar Gomes com um livro que ele fez recentemente sobre o olhar, sobre observação, que é muito interessante⁷. Eu prefiro ler sobre quem escreve sobre temas mais gerais do que quem escreve sobre temas específicos.

José Wellington Carvalho Vilar - Depois desse périplo por várias partes do mundo francófono e do Norte da Itália, e a vivência no Nordeste, a senhora se aposenta na UFC e faz concurso para Professora Titular no Departamento de Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Abre-se uma nova porta, um novo momento, agora no cerrado. Como esse cerrado influencia sua forma de pensar? É o momento de consolidação de uma vida acadêmica?

Maria Geralda de Almeida - Eu vou dizer que na vida eu fui privilegiada. Eu tive a oportunidade de trabalhar na Amazônia, no Nordeste e no Brasil Central. É um privilégio que enriquece a experiência, a maneira de perceber o que é o Brasil, de perceber as várias realidades, e também de desconstruir mitos e avançar em outras crenças. Quando eu cheguei na UFG já havia um curso de pós-graduação em geografia, um Mestrado. Eu já havia trabalhado na pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Pernambuco, em Sergipe e no Ceará. Chegando lá na UFG, o tema da pós-graduação no primeiro momento era “Apropriação do Cerrado”. Depois isso foi se perdendo, porque uma pós-graduação não podia ser tão fechada. Tinha alunos que vinham de outras regiões. Trabalhar com cerrados para mim não foi tão difícil, porque o Norte de Minas para mim é um cerrado fantasiado de caatinga. Tinha muitas características comuns. Quando se falava que em Goiás come-se pequi, eu falava: no Norte de Minas também é o que nós mais comemos. Aqui tem murici, também lá tem. Tem cagaita e buritizeiro. Era uma realidade que eu já conhecia desde a infância. Eu penso que o modo de vida do sertanejo desse cerrado goiano historicamente era

⁶ Núcleo de Estudos em Espaço e Representações da UFPR, hoje rede NEER, responsável por eventos para discutir, ampliar e aprofundar a abordagem cultural da Geografia.

⁷ Refere-se ao livro: GOMES, P. C. da C. **Quadros Geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. 1ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.



resultado de um migrante mineiro ou paulista. Goiás foi formado por mineiros e paulistas. Então eu praticamente me sentia em casa. No sertão fui pouco a pouco entrando nele. Eu acho que o entrar aqui é em termos acadêmicos, porque como pessoa, penso que eu nunca sai do sertão. Eu e o sertão nos entendemos. O primeiro artigo que escrevi sobre o tema, “Em Busca da Poética do Sertão”⁸, foi em 1998, quando me deu uma vontade de colocar algumas ideias no papel, e nele o que eu mais exploro foi a vivência aqui em Sergipe, com as histórias do “Seu” João Valentim, e a obra de Rachel de Queirós, que eu conhecia do Ceará. Então a ideia do sertão extrapolava a ideia de cerrado.

José Wellington Carvalho Vilar - E da caatinga também, né?

Maria Geralda de Almeida - Exatamente. Hoje estou trabalhando com cerrados, unidade tradicionais, políticas voltadas para o meio rural, novas ruralidades, sempre procurando uma abordagem que o aluno veja a relação com o ambiente. Aquela região onde eu trabalho atualmente é uma APA, uma Área de Proteção Ambiental. Então como é a vida numa APA? O que a lei permite que se faça e como se tem condições de viver numa APA? Essa é uma discussão que nós fazemos. O cerrado se tornou uma Reserva da Biosfera, Patrimônio da Humanidade da Unesco. Essa Reserva da Biosfera está toda ocupada por soja e gado. Eu não entendo uma concepção de Reserva da Biosfera que ao mesmo tempo tem Planos de Desenvolvimento Agrícola agressivos e com mudanças muito fortes. Quando eu vejo o cerrado hoje, eu vejo mais eucaliptos, soja e gado, e pouco do cerrado em si. O aluno ter esse olhar para perceber as mudanças é uma preocupação nossa. Nós acabamos de fazer um trabalho de campo com os alunos do primeiro ano de geografia da UFG. A aula inaugural era fazer um campo, e o campo era observação com o olhar do geógrafo. Exatamente para que eles despertem para ter uma atenção mais geográfica.

José Wellington Carvalho Vilar – Gostaria de voltar para o sertão. A ideia de sertão que nós aprendemos com Manuel Correia de Andrade que divide o Nordeste em quatro regiões ajudou a construir um equívoco, porque a ideia de sertão é muito maior. A vivência da senhora conectou isso com o coração do Brasil. A discussão sobre identidade territorial e gênero de vida também está muito embutida na sua obra, já entrando mais diretamente no segundo momento da nossa entrevista, nos “Territórios da Geografia Cultural”.

⁸ ALMEIDA, M. G. de. Em busca da poética do Sertão. **Revista Espaço e Cultura**. UERJ. N° 6. Jul/Dez de 1998, p. 33-43.

Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3581>>. Acesso em: 27 de outubro de 2022.



Maria Augusta Mundim Vargas - Eu posso deixar um pouco mais complexo?

Maria Geralda de Almeida - Pode.

Maria Augusta Mundim Vargas - Há quinze ou vinte anos atrás o território tinha que ser demonstrado pelo território em si, e o lugar era relegado a uma categoria menor, de segundo plano. Quando a professora Geralda sai da reflexão do turismo com uma geografia que muda a percepção dos lugares e dos turistas, para uma outra geografia que se chamava de território, mas que era o lugar construído não pelo turismo e sim pela alteridade, abre-se um novo caminho e se vai construindo a noção de lugar, que hoje pode ser entendido como lugar-território. Você concorda, Geralda?

Maria Geralda de Almeida - Vou começar falando sobre o sertão, rapidinho, depois eu passo nas outras questões. A minha concepção de sertão leva em conta que sertão é uma construção social e como tal ela muda, se altera. Nenhum autor defende hoje que o sertão tem um limite rígido que aqui acaba e ali começa. Nem o Guimarães Rosa falava onde acaba e onde começa o sertão. É interessante que esse sertão não está presente nos estudos geográficos. Nós geógrafos temos mais facilidade para lidar com o que se pode delimitar rigidamente. O que quero dizer é que o cerrado tem um limite geográfico, onde começa e onde termina, pelo menos com base nos mapas das unidades naturais. Mas o sertão é uma outra concepção e não corresponderia às interpretações amarradas somente ao cerrado, amplia, vai além, para bem mais do que isso. Diante disso, considero que é mais fácil olhar para o sertão, para essa noção que é difusa, que está para além do visível, para poder comentar e discutir sobre o sertão e o sertanejo, mais que o cerrado e a caatinga. Muitas vezes nós estamos falando do cerrado desmatado, desconfigurado e já reduzido, delimitado. Infelizmente as referências do passado permanecem como um recorte espacial do que foi.

Os gêneros de vida desse sertão sertanejo também variam, porque também entendo que o sertão não é uniforme, não é único, ele muda, se altera. Tem o sertão que as vezes tem água, rios temporários, barragem, o rio São Francisco, as serras, os chapadões. Enfim, tudo isso vai originar um gênero de vida que é singular, dependendo do local onde ocorre. Daí nós falarmos de extrativistas, raizeiros, vazanteiros, aqueles que vivem dos frutos do cerrado. São presenças que nos dão uma ideia dessa dinâmica do que seria esse sertão.

Voltando para a questão de Maria Augusta, eu acredito que hoje nós entendemos o território e o lugar como espaços relacionais. Nós temos relações tanto no lugar como no território. Eu discordo da ideia de território limitado às relações de poder. São relações dos mais diversos tipos. Se todas as relações são de poder, que sejam. Mas eu não diria isso, não. Também não vou defender a ideia de



que lugar é uma condição da escala, aquilo que seria menor do que o território. O lugar pode ser tanto Sergipe como Aracaju. Todos são lugares. O território e o lugar são híbridos. Somente a capacidade analítica e o objeto de análise poderiam dizer onde começa e onde termina o lugar e o território. Olha, isso é território por isso, e lugar por aquilo. Mas eu diria que se tratam de categorias híbridas, é possível usar os dois, sem com isso estar “sujando” o território e o lugar. Os dois cabem bem. O próprio Haesbaert admite que pode ter um território que seja lugar e um lugar que seja território e pode ser os dois. Hoje se discute muito os territórios em redes, se os territórios se formam pelas redes existentes. Sinceramente, eu ainda não tive um caso concreto para comprovar isso. Eu prefiro delimitar uma rede que se origina no território e verificar até onde essa rede vai, porque a questão do contínuo não pode ser desconsiderada. (). Realmente passei a estudar isso sobretudo depois do turismo. Atualmente só pesquiso o turismo nos quilombos, levando em conta a introdução de atividades capitalistas em comunidades tradicionais. Como elas estão aceitando, modificando, alterando seu espaço.

Maria Augusta Mundim Vargas - Como o empoderamento das mulheres se expressam na atividade turística?

Maria Geralda de Almeida - Pelo que eu tenho visto até agora nos quilombolas é muito semelhante ao que acontece com as mulheres assentadas: o empoderamento existe quando elas conseguem alguma autonomia e independência econômica. As mulheres quilombolas são aquelas que estão à frente de restaurantes, também são condutores de turistas, fazem um artesanato particular e o homem no turismo em quilombos geralmente é só o condutor. O homem só tem uma fonte de renda e as mulheres podem ter várias. Com as mulheres assentadas é a mesma coisa, elas plantam, levam as coisas do quintal, vão para feira e vendem, e os homens só pensam em vender em grandes quantidades.

Maria Augusta Mundim Vargas – Você está mais preocupada com as diferentes ruralidades ou com a exposição do turismo em quilombos?

Maria Geralda de Almeida – Com as ruralidades, Maria Augusta. Eu até esqueci de falar da multiterritorialidade. Eu tenho uma certa dificuldade de falar de uma multiterritorialidade. Com essa ideia estou supondo um empilhamento de territorialidades. É nesse sentido mesmo? (...). Então vários indivíduos com várias territorialidades? Um só indivíduo teria multiterritorialidades também? E se tivesse multiterritorialidades como elas apareceriam? São muitas questões ainda em aberto e cabe mais discussões, e não aceitar as ideias prontas, por mais sedutoras que sejam.



José Wellington Carvalho Vilar - Mais recentemente a temática do trabalho da senhora está cada vez mais focada nas mulheres, festas e quintais, não necessariamente nessa ordem. Vamos conversar um pouco sobre isso? Como a Geografia Cultural tem tratado essas temáticas?

Maria Geralda de Almeida - Eu penso que nós estamos atualmente com uma nova geração de geógrafos, mais ousada, que aprofunda, mergulha mais, sobretudo no que diz respeito aos estudos da Geografia Cultural. Eu estou falando isso porque analisando os grupos de trabalho (GT's) e os anais dos eventos do ENANPEGE (Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia) é impressionante a quantidade de jovens geógrafos que estão preocupados em falar de gênero e de festas. Atualmente existem dois GT's, um coordenado pela geógrafa Joseli Silva, lá do Paraná, e outro, por Maria de Fátima Rodrigues, da Paraíba, com Alex Rats, de Goiás. Esses dois são casos concretos de geógrafos que estão pesquisando, procurando ler a questão de gênero. Geralmente, esses estudos falam da sexualidade e sobre mulheres e trabalho, sobretudo de mulheres negras, tentando tratar como essas mulheres se veem no mercado de trabalho. Eu penso que a geografia tem avançado nisso, e tem conseguido mostrar alguns avanços na questão de gênero, mas ainda tem um enfoque antropológico e sociológico. Quando eu fui falar de gênero procurei mostrar uma mulher ligada a um espaço, uma mulher que tem um quintal, uma casa, procurando nessa relação o vínculo com o espaço, para evidenciar como aquele espaço dela era alterado ou influenciado.

O mesmo caso também acontece nas festas. A discussão de gênero nas festas trata das lideranças das mulheres e como o espaço da festa tem uma presença, sobretudo feminina, na participação, na preparação que antecede a festa e no período pós-festa. Sem contar que, infelizmente, algumas vezes ainda se fala: mulheres vão cozinhar e homens vão fazer a folia. Ou seja, ainda se mantém aquela visão tradicional que a mulher é da cozinha. Eu penso que nós estamos avançando nesses temas. É quase um compromisso que nós temos, não só pelas mulheres, mas pela geografia. Procurar dar visibilidade aquilo que o geógrafo tem o potencial para fazer. O geógrafo tem um compromisso com a realidade, mas tem que assumir isso.

Luan Lacerda – O que levou a senhora a se debruçar nesses últimos tempos nessa leitura geográfica do papel da mulher. Enfim, eu gostaria de saber qual a motivação que leva a senhora a se preocupar tanto com essa temática.

Maria Geralda de Almeida - Obrigada, Luan, por reforçar este assunto, o tema mais recente que eu incorporei nas pesquisas e nos meus interesses. Eu tenho procurado fazer uma leitura na Geografia Cultural também procurando me inteirar no que tem sido discutido, principalmente em



outros países, o que é que tem despertado interesse dos geógrafos e como anda essa abordagem na Geografia Cultural nos outros países. O que chamou minha atenção, se vamos considerar a Geografia Cultural após os anos de 1980, é que apareceram algumas correntes voltados para o pós-colonialismo ou decolonialidade, a questão dos estudos culturais e do feminismo ou estudos de gênero, que eu me lembre são principalmente esses três. Esses são estudos culturais que têm influência lá na Inglaterra. A decolonialidade aqui no Brasil é bem discutido, mas também na Europa. Aqui no Brasil tem o Helion Póvoa⁹ e o Carlos Walter que falam sobre isso. O pós-colonialismo já é uma discussão que tem representantes lá em Portugal, com uma geógrafa que se chama Ana Francisca de Azevedo e com o Boaventura Santos, que discutem e comentam sobre a epistemologia do Sul.

E no feminismo, é uma geografia sobretudo inglesa que procurou verificar como as mulheres estavam negligenciadas nos estudos geográficos, a partir do instante que sempre se refere ao trabalho do homem, a mulher era pouco focada. Então várias mulheres começaram a tratar disso, inclusive a Doreen Massey era uma das que falava sobre a questão de gênero e de mulher. Elas desenvolveram uma linha que foi depois adotada por outros geógrafos, falando da mulher em si e da mulher numa discussão que perpassava o gênero. Essas discussões têm um viés político com foco numa Geografia Cultural mais voltada para a dimensão política a partir dessas análises feitas ou incorporadas como necessárias à abordagem da Geografia Cultural, sem desprezar a cultura, mas incluindo essa motivação.

E a mulher, na discussão feita pelas inglesas, era também nessa vertente, da militância da mulher, do trabalho da mulher e do empoderamento que tinha adquirido, mas que era negligenciado. Isso coincidiu com um livro que eu li que se chama “Pode o Subalterno Falar?”, de autoria de Spivak¹⁰. Ela vai comentar sobre como as classes subalternas, como aqueles que são dominados terminam deixando que outros falem por eles, estes outros podem ser o Estado, a igreja, o representante que tenha uma expressão maior do que eles e, no nosso caso, são até os pesquisadores. Nós terminamos falando muito pelas pessoas que estamos investigando e pesquisando. Poucas vezes cedemos o espaço para incluir a fala, o testemunho, registrar o trabalho como se fosse deles.

Bem, essas questões me fizeram refletir sobre o trabalho que eu fazia com os quilombolas, até então era sobre o turismo e as condições de vida em mudança, sobretudo com o turismo. Nas mulheres do assentamento, era a relação dos homens com o cerrado e essas discussões geralmente não incluíam as mulheres, porque quando nós chegávamos nas residências, elas sempre deixavam que os maridos falassem. Não importava qual o assunto, se era filho ou educação, problemas de saúde, era sempre

⁹ POVOA NETO, Helion, Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autor, dentre outros, do livro “A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções” (2010); é o atual editor da Revista Travessia.

¹⁰ SPIVAK, G. C.. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: EdUFMG, 2018. Originalmente publicado em inglês, no ano de 1985.



eles que estavam à frente falando. Então isso nos motivou a procurar trazer uma discussão para um espaço de trabalho delas, a exemplo dos quintais, onde elas têm uma labuta maior do que os homens. Os homens se interessavam por aquele espaço da produção com valor na comercialização. O quintal era o assunto que as mulheres se interessavam, porque era elas que cuidavam, era dali que elas tiravam o que era consumido, ou seja, o sustento da família, e boa parte residia no que as mulheres plantavam e cuidavam ou criavam nesse quintal. Isso foi o que levou a me interessar pelas mulheres, foi de procurar ouvir o que é que elas também podiam manifestar sobre o lugar, sobre o espaço da ação, da reprodução e o fato de as considerar até então escondidas na nossa geografia, sem dar um espaço maior para que se manifestassem. No Brasil, eu conheço o trabalho da Rosa Ester Rossini, uma paulista da USP, às vezes ela escrevia sobre o trabalho da mulher, mas as outras, faziam mais estudos genéricos, estudos que não têm uma característica de evidenciar o trabalho da mulher, ou de mostrar qual é a posição que a mulher tem. Foi isso que me motivou.

Luan Lacerda – Tenho outra questão. Na verdade, não é uma pergunta, eu peço é um conselho. Como um geógrafo iniciante pode quebrar essa barreira do invisível?

Maria Geralda de Almeida – Que pergunta difícil! Ele pede um conselho! [Risos!]. Nós estamos acostumados a tratar só do visível. É um sentido que nós desenvolvemos e torna-se muito apurado. Os cegos desenvolvem outros sentidos. Já fiz um trabalho com cegos questionando para eles como era uma praia. Eles sabiam descrever as praias. Eles foram para a beira da praia, ouviram o som, perguntaram o que era aquilo, pegaram na areia, esfregaram na mão. Eles tinham passado por uma experiência. Penso que passar por experiências nos ajuda muito. É possível também falar, além das cores, dos cheiros e sabores de uma feira, por exemplo (...). Um geógrafo do Rio Grande do Sul, Lucas Panitz, fez uma Tese de Doutorado sobre música. Imagino o que ele ouviu! O que foi esse trabalho! Eu recomendo que esse geógrafo iniciante procure desenvolver esses outros sentidos para tornar visível o que não está materializado e que ele tenha possibilidades de entender usando outros sentidos. Gostou do meu conselho?

Sorriso de todos os presentes na entrevista!

Cesar França- No que diz respeito à Geografia Cultural, o que a senhora imagina em termos de perspectivas?

Maria Geralda de Almeida - Eu vejo a Geografia Cultural como uma abordagem muito rica, porque ela abre muito os horizontes. Ela não é limitada. Ela não é aquela que compete com outras



áreas, achando que é a mais verdadeira, a mais correta, que ela é a geografia. Aliás, hoje a Geografia Cultural é muito reconhecida. Na UGI tem uma comissão só para ela, tem eventos que se realizam em vários lugares. No meu entendimento, ela passará a ser mais respeitada, ou seja, as pessoas vão aceitar que ela também é uma forma de entender a realidade, uma maneira de aprender o que é a realidade, quiçá em todas as suas dimensões. Estou dizendo que a Geografia Cultural tem uma sensibilidade até pelo que não é visível. Então isso aí já é um passo à frente em relação às outras abordagens. Eu estou querendo dizer que ela é superior? Não, não é superior. Ela é mais aberta, tem mais possibilidades, oferece mais campos de pesquisa, de leitura, de interpretação.

Lício Valério Lima Vieira - Como a Geografia Cultural concebe esse novo momento que vivemos? Ela é capaz de dar explicações, de dar respostas nesse cenário atual de tanta complexidade?

Maria Geralda de Almeida - Eu acho que ela busca, mas não sei dizer se ela está dando conta, porque ela pode ter propostas para responder. Também não sei se atende às expectativas. Sobre essas perspectivas, se é o mundo que está mudando? Eu diria que sim. Hoje nós aceitamos falar numa multidisciplinaridade, entendemos que vários pensadores estão defendendo essa complexidade e que necessariamente teremos que ter essa humildade para aceitar a multidisciplinaridade que conduziria para uma melhor compreensão do mundo. Diante do que está acontecendo hoje nas ciências, essa busca de diálogos e aproximação entre disciplinas, é que eu penso que conduziria a esse momento, e a abordagem da Geografia Cultural pode ter sido pioneira na geografia ao começar a trabalhar com várias matrizes. É assim que eu entendo. É ter a humildade para ver que um método só não dá conta diante da complexidade dos fatos.

José Wellington Carvalho Vilar - Muito obrigado, professora Geralda!

Maria Geralda de Almeida - Eu que agradeço à GeoNordeste pela oportunidade de falar um pouco sobre a minha trajetória e sobre o meu pensamento. Eu faço uma geografia que me dá muito prazer, que eu gosto muito. É uma geografia que não fui eu que escolhi, foi ela que me escolheu. E falo assim porque com tanta gente fazendo geografia, nem todos seguem o mesmo caminho de enveredar pela Geografia Cultural, então eu acho que fui tocada por ela. E agradeço as perguntas que possibilitaram reviver e rememorar passagens e momentos que foram importantes para mim. Eu não sei se sou exatamente uma referência, como vocês dizem. Na realidade, eu não sou exatamente uma referência. Eu sou uma pessoa que ousei escrever mais sobre o que eu pensava e trazer isso



para os alunos e os colegas professores. Mas se não tivesse vocês para lerem. Pobre de mim, eu não seria ninguém.

Palmas de todos os presentes!

São Cristóvão - SE, 2 de abril de 2018.

Transcrição realizada pelo professor Dr. José Wellington Carvalho Vilar e revisão feita pela professora Dr.^a Maria Augusta Mundim Vargas, no mês de outubro de 2022.